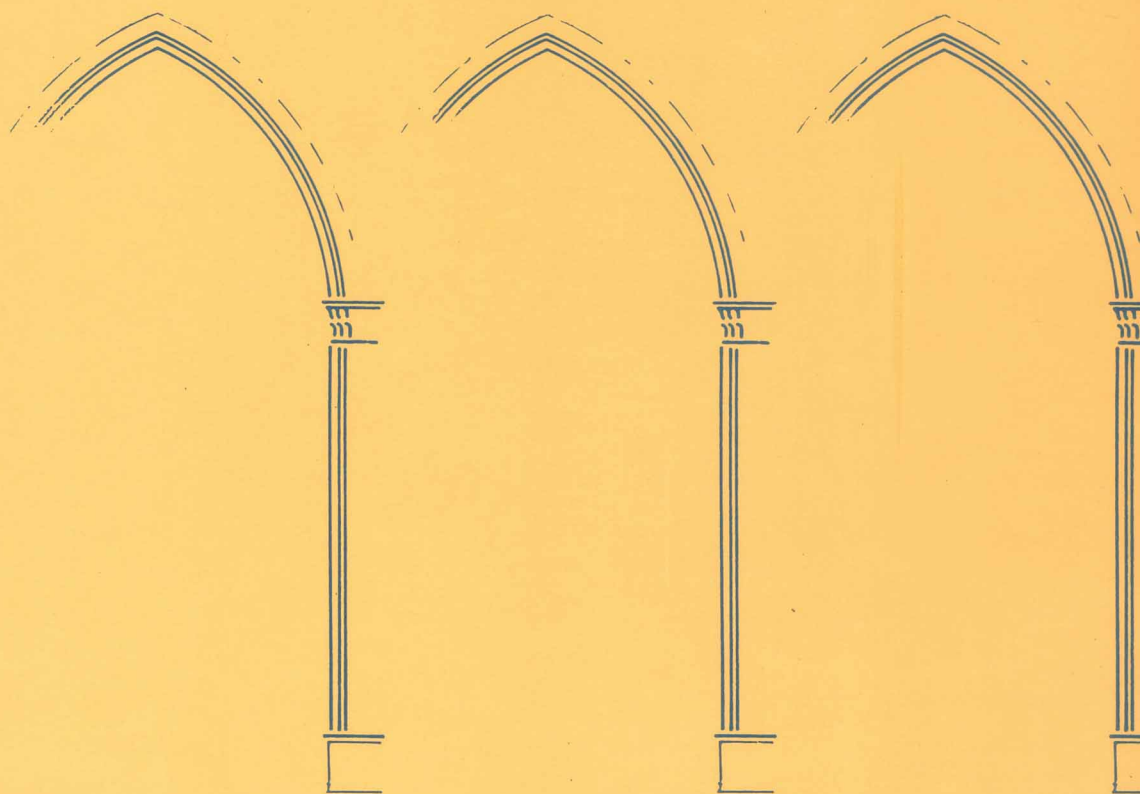


V JORNADAS ARQUEOLÓGICAS



20 21 22 MAIO 1993

Associação dos Arqueólogos Portugueses

**LISBOA
1994**

SOBRE A EXISTÊNCIA DE CERÂMICAS IMPRESSAS E INCISAS NO NEOLÍTICO FINAL ESTREMENHO

Júlio M. Roque Carreira *
João Luís Cardoso **

1 - Introdução

Tradicionalmente, a bibliografia arqueológica portuguesa tende a integrar o grosso das cerâmicas neolíticas não cardiais, decoradas por incisões ou impressões, num momento designado por "Neolítico antigo evolucionado".

Tal esquema faria corresponder, assim, as fases média e final do Neolítico a uma rarefacção de cerâmicas decoradas, com excepção dos bordos denteados.

Porém, esta posição parece afigurar-se pouco adequada à complexidade evidenciada em recentes e amplas estratigrafias, publicadas em Espanha onde está bem documentada uma longa perduração de elementos anteriormente considerados característicos do Neolítico antigo.

Tal é o caso das cerâmicas impressas e incisas que parecem possuir uma longa vida, como foi documentado na Cueva de Dehesilla, na Andaluzia Ocidental (Acosta & Pellicer, 1990).

As considerações que se seguem, no sentido de contribuir para o esclarecimento da cronologia deste conjunto cerâmico, circunscrevem-se, no essencial, à região estremenha, embora noutras estações portuguesas, peças idênticas estejam documentadas.

2 - Inventário de locais

Neste capítulo inventariam-se os materiais das mais importantes jazidas da Estremadura que, até ao presente, forneceram cerâmicas impressas e incisas, atribuíveis ao Neolítico final.

2.1 - Furninha (Peniche)

Esta gruta do Centro Oeste de Portugal, objecto de pioneira escavação de Nery Delgado (1884) forneceu um abundante espólio de que se destaca a grande variedade de cerâmicas neolíticas decoradas, sobretudo, pela técnica incisa e, em menor quantidade, por impressão.

A presença, comum a vários fragmentos, dos dois elementos decorativos mais frequentes - os triângulos e as faixas preenchidas obliquamente - parecem justificar a hipótese de estarmos perante um conjunto essencialmente coerente e coevo.

Segundo Guilaine & Ferreira (1970) tal associação remontaria ao Neolítico antigo, tendo sido designada ulteriormente, por "horizonte da Furninha".

Entre os materiais conservados nos Serviços Geológicos de Portugal, além das referidas cerâmicas decoradas, existem outras formas lisas como a taça carenada e um vaso de bordo em aba, integráveis no Neolítico final da Estremadura, e ainda bordos e cordões dentados, cuja presença nunca foi valorizada no conjunto do material cerâmico.

A conjugação de uma série de atributos presentes no grosso da olaria, reportados por aqueles autores ao Neolítico antigo da área mediterrânica, determinaram a inclusão da Furninha naquela fase cultural.

Procuremos analisar, separadamente, os critérios que justificam as nossas reservas a cronologia tão restrita, quanto a defendida por aqueles autores:

- Os triângulos preenchidos são uma decoração que parece ter uma larga sobrevivência dentro do Neolítico, irradiando para momentos posteriores. Na Cueva de Dehesilla (Acosta & Pellicer, 1990) os triângulos preenchidos são comuns tanto no Neolítico médio, quanto no Neolítico final.

Identicamente, na Cueva del Forcon, no Alto Aragón, tal motivo decorativo foi encontrado associado a bordos dentados, e a decoração em folículos no contexto do Neolítico final (Baldellou, 1982).

- As asas em túnel, e a decoração em "triângulos preenchidos" aparecem bem documentadas ao longo do Neolítico médio e mesmo final.

* Rua Inácio de Sousa, 5, 4º andar - 1500 LISBOA

** Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)

Na fase I do povoado do Montefrío, em Granada, as asas em túnel vertical aparecem associadas a asas relativamente espalmadas de perfuração horizontal, também encontradas na Furninha, ambas integradas no Neolítico final (Arribas & Molina, 1979).

Em conclusão, a valorização isolada dos atributos tipológicos presentes nas cerâmicas decoradas da Furninha, por si só não são suficientes para uma atribuição cronológico-cultural inequívoca de tais peças.

Acresce que ao nível dos restantes espólio lítico, ósseo e objectos de culto, nada existe na jazida que sugira idade anterior ao Neolítico final; pelo contrário, evidencia-se um conjunto globalmente coerente e perfeitamente compatível com aquela integração cultural não se excluindo, no entanto, a hipótese de algumas peças cerâmicas poderem ser cronologia mais antiga.

Com efeito, uma das características das decorações da Furninha em vasos em forma de saco é a quase ausência dos motivos “em espiga”, ao contrário do que se verifica noutros arqueossítios de carácter habitacional, ou funerário da Estremadura, adiante referidos. Tal facto poderá, talvez, explicar-se por razões de ordem cronológica (maior antiguidade da Furninha).

Deve salientar-se, por outro lado, que desta forma, o aludido “horizonte da Furninha”, ou se reporta a um conjunto coerente de materiais, sendo portanto do Neolítico final ou refere-se a um lote heterogéneo, perdendo aquela designação, por maioria de razão, significado.

2.2 Negrais (Sintra)

Neste habitat de altura foram referenciados materiais cerâmicos decorados, avultando o característico motivo “em espiga”, vasos de bordos denteados e taças carenadas. Porém, trata-se de recolhas de superfície pelo que não é possível assegurar a contemporaneidade dos materiais (Serrão. 1981).

2.3 Alto do Montijo (Sintra)

Neste povoado de altura, foi reconhecida a presença de cerâmicas impressas; tal ocupação é dificilmente datável, por não se dispor de um conjunto representativo. As recolhas parece terem sido selectivas, pela abundância relativa de cerâmicas decoradas, face às lisas (materiais conservados nos Serviços Geológicos de Portugal).

2.4 Olelas (Sintra)

Este povoado de altura foi objecto de trabalhos de escavação nos anos 50. Deles resultou a definição de uma estratigrafia, registada no interior do monumento n.º1, bem como numa vala de reconhecimento exterior àquele (Serrão & Vicente, 1958).

Foi identificada uma camada de material arqueológico subjacente ao nível de ocupação calcolítico do referido monumento: Desta camada provém, em aparente associação, um conjunto cerâmico que integra bordos denteados, taças carenadas e cerâmicas incisas e impressas. Posteriormente, um dos escavadores afirma a coexistência destes tipos cerâmicos (Serrão, 1979). Este facto foi já valorizado por Jorge (1990: 129) atribuindo o conjunto em causa ao Neolítico final. Mais recentemente J.L. Gonçalves (1993) observou outra sequência estratigráfica no interior da torre 3, por ele escavada. A camada 4 desta sequência foi datada de 4730 ± 60 a.C.

Deverá, contudo, salientar-se a escassez de materiais por ele recolhidos, limitando necessariamente a representatividade dos resultados.

A nível do espólio cerâmico, aquela camada é caracterizada pela presença da taça carenada e cerâmicas incisas e impressas, cuja associação, segundo o escavador, não se poderá contudo garantir.

Os bordos denteados ocorrem apenas na camada mais moderna (camada 3).

Nos fragmentos recolhidos nas escavações de E. da Cunha Serrão e E. Prescott Vicente, conservados no Museu Regional de Sintra, não se evidenciam quaisquer diferenças significativas entre o estado das superfícies e as características das pastas das taças carenadas, vasos de bordo denteado ou cerâmicas impressas. Este facto reforça, assim, a sincronia destes materiais sugerida pelas condições de jazida.

No conjunto das decorações, avultam os motivos de triângulos preenchidos, idênticos aos da Furninha e igualmente aplicados a vasos “em saco”. Outros motivos representados, como bandas em zigue-zague e bandas horizontais, preenchidas interiormente por linhas oblíquas, possuem estreitos paralelos com os motivos das placas de xisto do Neolítico final. De referir, ainda, os conhecidos motivos “em espiga”, representados em outras estações de que trataremos.

2.5 Cortegaça (Sintra)

Este arqueossítio de altura forneceu materiais calcolíticos, ainda muito insuficientemente conhecidos. É provável, porém, que existam elementos mais antigos, a confirmarem-se as afirmações de Serrão (1979), quanto à associação de cerâmicas impressas e incisas com vasos de bordo denteado.

2.6 Leceia (Oeiras)

As escavações conduzidas por um de nós, (J.L.C.) neste arqueossítio evidenciaram uma extensa ocupação com início no Neolítico final da Estremadura (camada 4). Ao nível da cerâmica, tal fase cultural é caracterizada pela associação de taça carenada/vasos de bordo denteado (Cardoso, 1989) de que se recolheram centenas de fragmentos distribuídos por diversas variantes tipológicas. A ocorrência de cerâmicas impressas, no contexto referido, é excepcional.

No entanto, comprova a presença desta técnica decorativa no Neolítico final, datado em Leceia de 4530 ± 100 B.P. (ICEN 312) e 4520 ± 70 B.P. (ICEN 313).

2.7 Vila Pouca (Lisboa)

Trata-se de vários núcleos habitacionais adjacentes e nas proximidades do povoado de Montes Claros, a meia encosta da serra do Monsanto. Os materiais cerâmicos publicados (Moita, 1967) afiguram-se tipologicamente homogêneos. No conjunto cerâmico estão bem representados os vasos de bordo em aba, nalguns casos com decorações denteadas e taças carenadas.

As cerâmicas decoradas ostentam motivos "em espinha" obtidos por incisão, a par de outros motivos impressos. As decorações plásticas estão representadas por cordões segmentados, horizontais, com paralelos na Furninha.

2.8 Montes Claros (Lisboa)

Em recente artigo (Carreira & Cardoso, 1992), defendemos, para um conjunto de cerâmicas impressas e incisas do povoado de Montes Claros provenientes das escavações ali realizadas (Jalhay, Paço & Ribeiro, 1944) e conservados no Museu da Cidade, cronologia correspondente a uma fase precoce do Neolítico final da Estremadura.

Tal atribuição foi apoiada pela aparente associação entre as referidas cerâmicas, os bordos dentados e as taças carenadas, os quais estiveram na origem do presente trabalho que procura completar aquele (escavações inéditas dos autores).

2.9 Casa Pia (Lisboa)

Pequeno "habitat" de planura, onde Harrison refere diversos fragmentos integráveis em conjunto idêntico aos tratados: motivos impressos e incisos "em espiga", associados a decorações plásticas.

2.10 Parede (Cascais)

Os escassos exemplares decorados recolhidos na camada basal deste arqueossítio de planura, em associação estratigráfica com taças carenadas e vasos de bordo denteado (Serrão, 1983) são simples impressões preenchendo, provavelmente, triângulos e/ou bandas em zigue-zague (Spindler, 1986). Possuem paralelos em Olelas, Alto do Montijo, Vila Pouca, Montes Claros, além de antas alentejanas, nomeadamente a Anta Grande do Olival da Pega (Leisner & Leisner, 1951).

2.11 Lapa do Fumo (Sesimbra)

Escavações realizadas nesta gruta natural evidenciaram uma importante sequência estratigráfica. Dois vasos em forma de saco quase completos, decorados com motivos em "espiga" jaziam numa anfractuosidade lateral. Na camada basal foi recolhido um fragmento decorado com motivo idêntico (Serrão, 1971). Aquela camada encontrava-se sobreposta por tumulações inicialmente datadas pelo radiocarbono em 5040 ± 45 B.P., (Soares, 1993).

A possibilidade deste conjunto de peças pertencer ao Neolítico antigo evolucionado é de manter, porque parece não estarem representados nesta camada nem bordos denteados, nem a taça carenada (Serrão, 1981).

2.12 Alto de S. Francisco (Setúbal)

Este pequeno “habitat” de altura revelou-se de importância fundamental para o esclarecimento da integração cronológica-cultural das cerâmicas impressas em apreço. Com efeito, escavações ali realizadas permitiram confirmar a associação estratigráfica de vasos de bordo denteado, taças carenadas e cerâmicas impressas decoradas por motivos “em espiga”.

A importância desta associação foi, aliás, já devidamente valorizada por Jorge (1990: 129).

3.- Discussão

No presente trabalho apresentamos os resultados dos nossos estudos no sentido de averiguar a frequência da associação de cerâmicas decoradas à taça carenada e aos vasos de bordo denteado, e evidenciar elementos que permitam contribuir no sentido do esclarecimento da sua cronologia.

A sobrevivência, em contextos do Neolítico final do Baixo Tejo, de cerâmicas incisas e impressas, parece assegurada, como foi recentemente evidenciado (Jorge, 1990).

Assim, em escavação realizada recentemente na gruta do Cadaval, em Tomar, L. Oosterbeck, registou a presença de decorações feitas à base de impressões e puncionamentos, de tradição do Neolítico antigo evolucionado, quer na camada C, constituída, sobretudo, por cerâmicas lisas, frequentemente almagradas, quer na camada imediatamente superior, aqui em associação com recipientes carenados e de bordos denteados (Jorge, 1990: 125).

Da mesma forma, no habitat de Caramujeira, no Algarve foi verificada a presença de formas típicas do Neolítico final, como a taça de bordo espessado e a taça carenada, ostentando esta decoração impressa (Gomes et al., 1978).

Estas observações reforçam a afirmação de S. O. Jorge relativamente aos povoados do Neolítico final da Estremadura, quando declara: “surgem vasos predominantemente lisos, embora em muitos dos contextos persistam decorações na tradição do Neolítico antigo à base de puncionamentos e incisões. As formas distribuem-se por esféricos, taças em calote, de bordo simples ou espessado, taças carenadas e vasos de bordos denteados” (op. cit.: 128), com a qual estamos de acordo.

Desde logo, avulta a ocorrência de cerâmicas impressas e incisas pré-calcolíticas em sítios de altura - Olelas, Alto do Montijo, Cortegaça, Montes Claros, Leceia e Alto de S. Francisco - em contradição com o modelo de povoamento para o Neolítico antigo, o qual denunciaria a admitida preferência por sítios de encosta, bem drenados, sem condições naturais de defesa.

A aceitação de cerâmicas impressas no Neolítico final estremenho levanta, porém, de imediato, algumas questões pertinentes no respeitante à sua cronologia a filiação.

O Neolítico estremenho, sendo um momento pouco estudado, rareando estratigrafias e datações, é ainda um campo onde as dúvidas são maiores que as certezas.

A elaboração de paralelos continua dificultada por serem problemáticas muitas das estratigrafias de referência em Espanha.

Dos materiais passados em revista salientam-se as seguintes observações:

- No conjunto da Furninha evidenciaram-se materiais cerâmicos compatíveis com a idade globalmente atribuída ao restante espólio sepulcral (Neolítico final da Estremadura).

Deverá ser reportado àquela fase cultural toda a cerâmica impressa e incisa ali exumada? Cremos não existirem razões objectivas para recusar tal hipótese. Com efeito, os argumentos aduzidos por Guilaine & Ferreira (1970), de carácter puramente tipológico, podem ser igualmente utilizados para situar o respectivo conjunto, tanto no Neolítico médio como no final, conforme argumentos apresentados atrás.

Embora os elementos estratigráficos sejam escassos, deve referir-se que Delgado (1884), na escavação realizada, encontrou apenas uma única camada neolítica correspondente à instalação de uma necrópole. Se a cronologia e a homogeneidade do conjunto da Furninha fica por esclarecer, outra questão, igualmente importante, permanece sem resposta: a da filiação (ou continuidade?) das cerâmicas decoradas do Neolítico final estremenho nas do Neolítico antigo evolucionado da mesma região.

Argumentos que fazem corresponder à fase média do Neolítico a presença (exclusiva?) de

cerâmicas lisas, carecem de demonstração. Com efeito, as jazidas invocadas são exclusivamente de carácter sepulcral, onde a aparente exclusividade daquelas cerâmicas, se pode explicar por razões culturais, relacionadas com a sua escolha preferencial para fins sepulcrais.

Já para a caracterização da sucessão de materiais cerâmicos no Neolítico final, as estratigrafias de Olelas, Leceia, Alto de S. Francisco, fornecem elementos a reter.

A primeira fase cultural representada em Leceia poderá articular-se com a sequência esboçada em Olelas. Enquanto em Olelas se observou da camada 4 para a camada 3 um nítido declínio das cerâmicas impressas com emergência do vaso de bordo denteado, que substitui aquelas (Gonçalves, 1993), em Leceia, na camada 4, as cerâmicas impressas são vestigiais, enquanto os vasos de bordo denteado estão exuberantemente representados, sendo as taças carenadas também muito abundantes.

Neste arqueossítio, a primeira ocupação neolítica ter-se-ia, assim, verificado em fase ulterior à mais moderna de Olelas, quando os bordos denteados já teriam quase totalmente substituído as cerâmicas impressas. Outro arqueossítio que se deve destacar é o de Alto de S. Francisco, já a sul do Tejo. Também ali foi encontrada em associação estratigráfica taças carenadas, bordos denteados e cerâmicas impressas afins das de Olelas.

4 - Conclusões

1 Foi reforçada a sobrevivência de cerâmicas decoradas pela técnica incisa e impressa em contextos atribuíveis ao Neolítico final da Estremadura.

2. Os motivos decorativos apresentam nalguns casos estreitos paralelos com outros que, na mesma região, remontam ao Neolítico antigo. O elemento discriminante será a sua associação a vasos de bordo denteado, cordões denteados ou taças carenadas.

3. Ficou também demonstrada a falta de suporte material do denominado “horizonte da Furninha”, o qual na realidade deveria ser rejuvenescido caso aquela designação se justificasse.

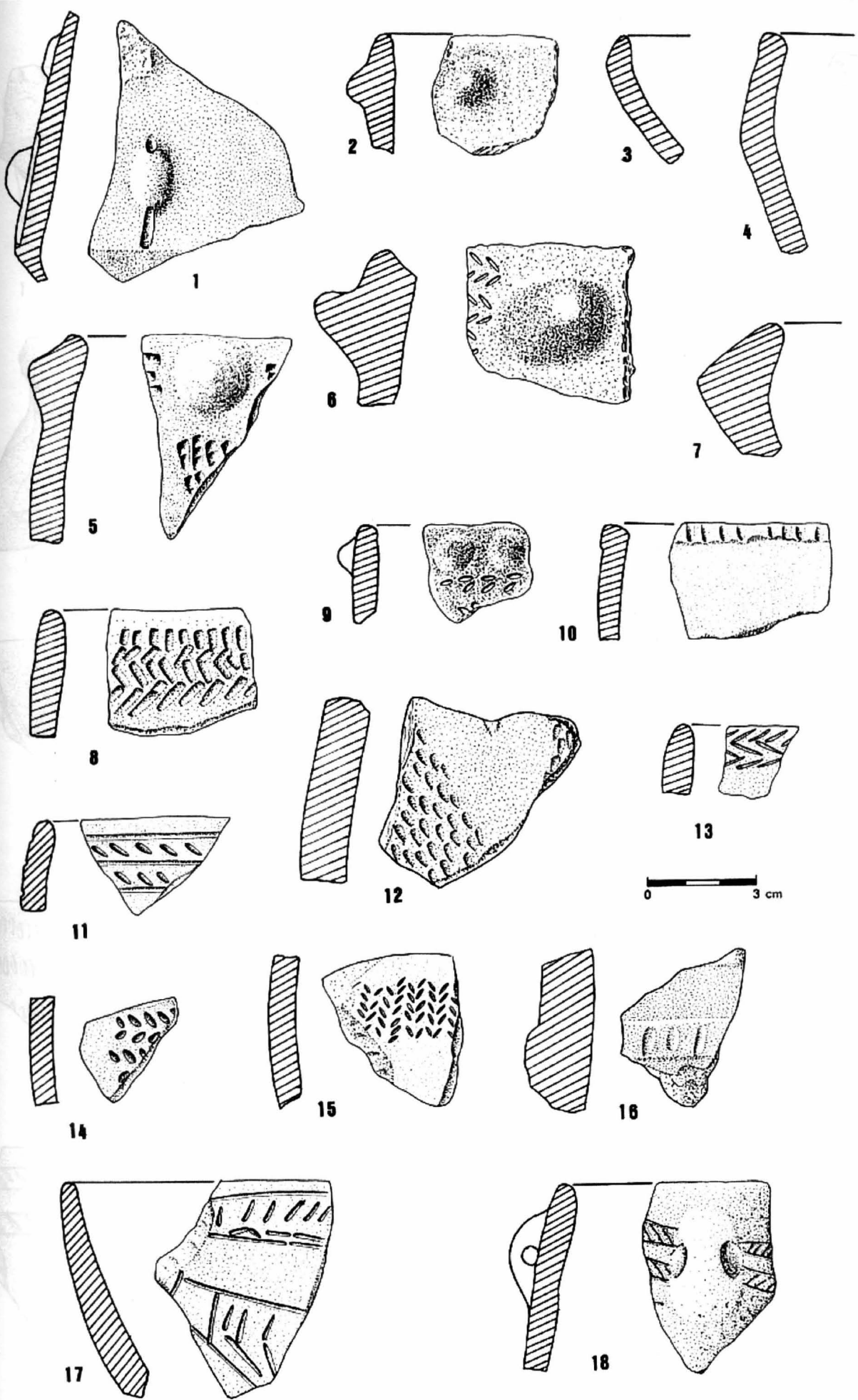
4. A correlação estratigráfica possível entre Olelas, Leceia e Alto de S. Francisco, parece consubstanciar, como hipótese de trabalho, a seguinte evolução:

Numa fase precoce do Neolítico final (representado em Olelas) estariam presentes cerâmicas impressas em associação com taças carenadas e outras formas lisas. Ulteriormente assistir-se-ia a uma progressiva rarefacção de cerâmicas incisadas e impressas para o término do Neolítico final, sendo substituídas, quase totalmente, por recipientes de bordos denteados, mantendo-se as taças carenadas e outras formas lisas (ex: Leceia).

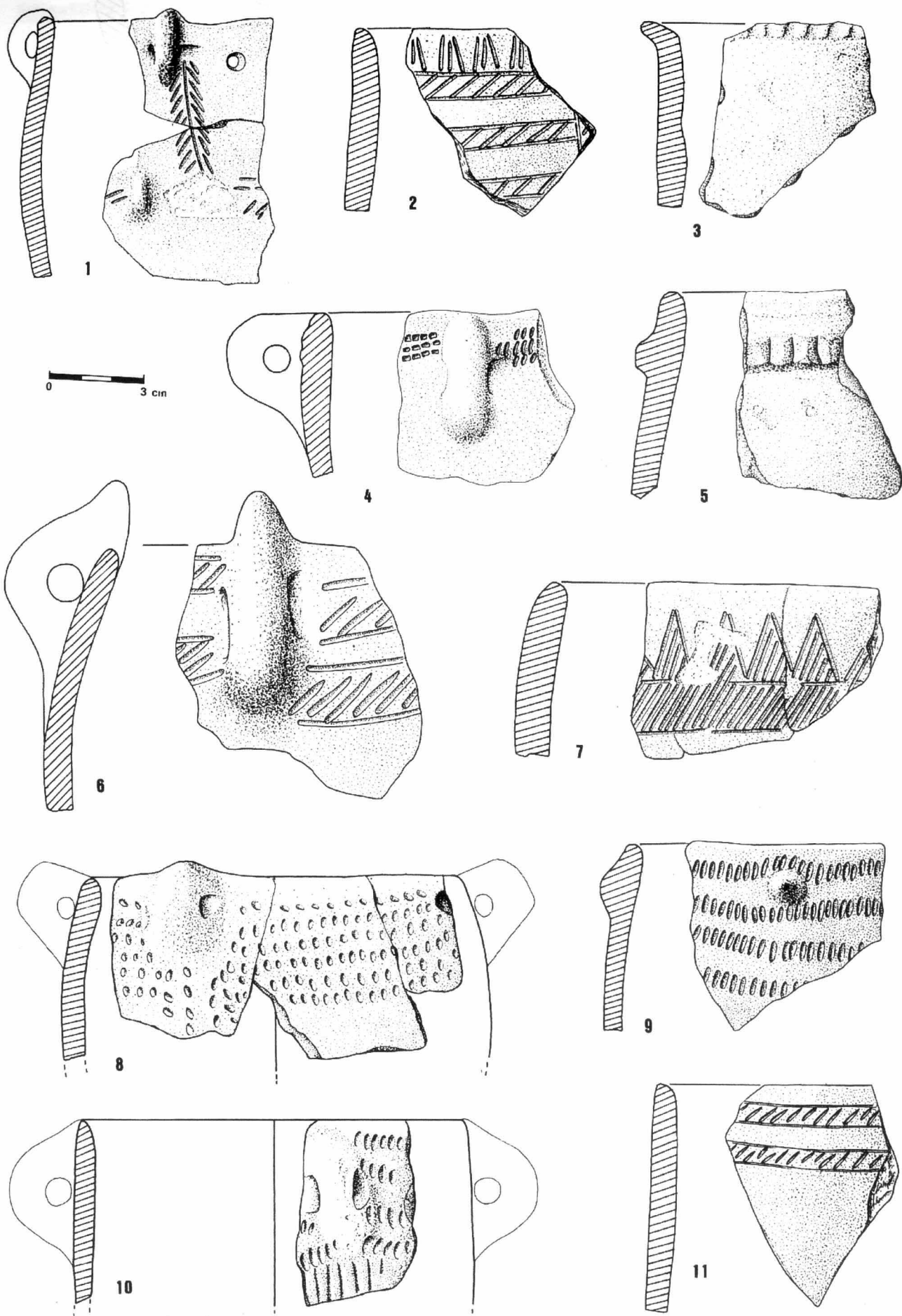
Neste contexto, a associação encontrada no Alto de S. Francisco, com bordos denteados e taças carenadas, mas onde as cerâmicas impressas estão ainda bem representadas, corresponderia a momento intermédio desta evolução. Tal situação é paralelável com a verificada em contextos espanhóis.

Bibliografia

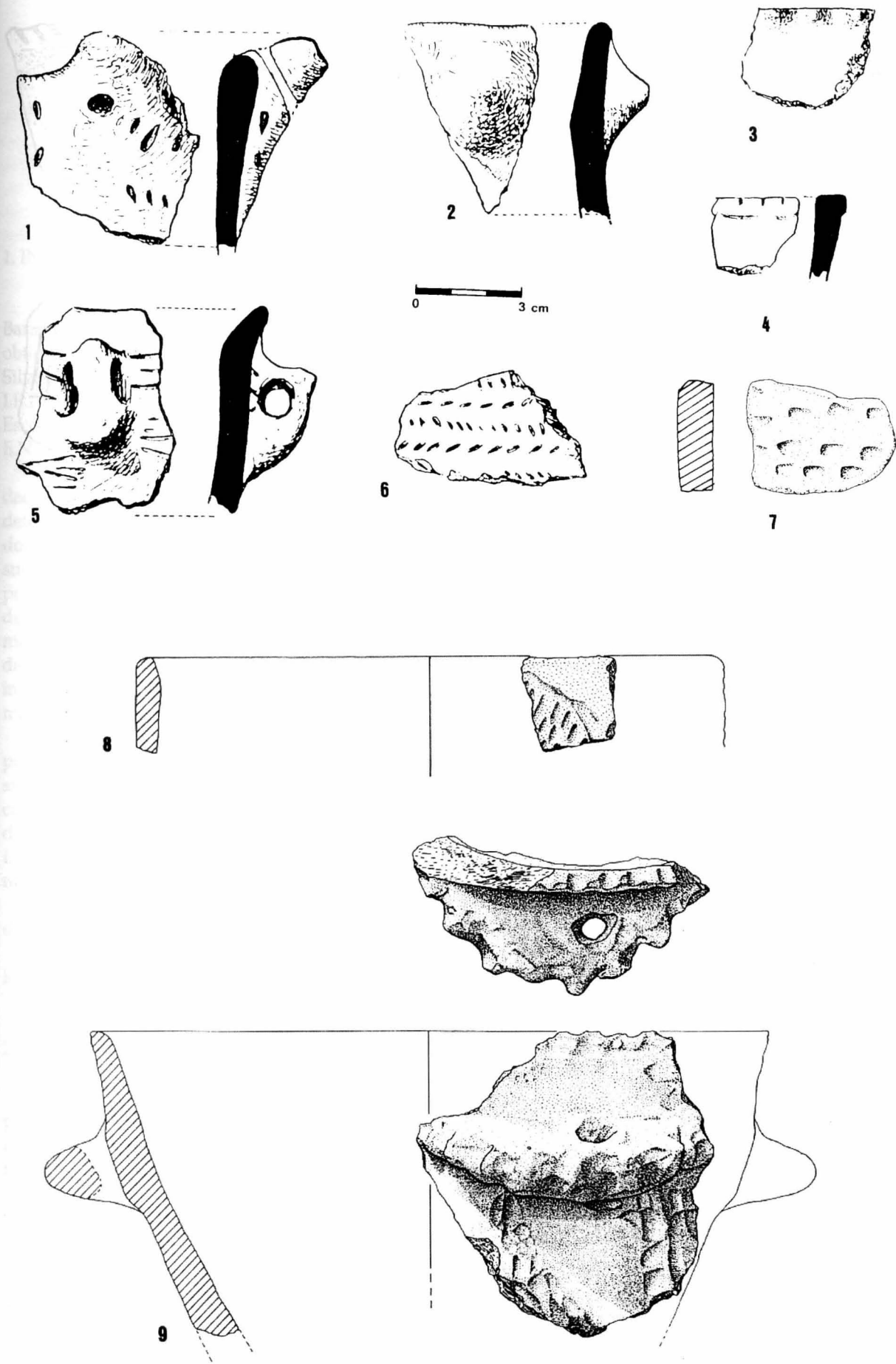
- Acosta P. & Pellicer M. (1990) - *La Cueva de la Dehesila* (Jerez de la Frontera), CSIC
- Arribas A. & Molina, F. (1979) - "El poblado de "los Castillejos" en las Peñas de los Gitanos (Montefrío Granada), Campaña de excavaciones de 1971, El corte num.1, Resultados de las campañas de 1971 y 1974", *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, serie monografica, num.3
- Baldellou, V. (1989) - "El Neolítico de la ceramica impresa en Alto Aragon. In *Le Néolithique Ancien Méditerranéen*", *Actes du Colloque International de Préhistoire, Montpellier*, 1981.
- Cardoso, J.L., (1989) - *Leceia, Resultados das escavações realizadas 1983-88*, Câmara Municipal de Oeiras
- Carreira, J. Roque & Cardoso, J.L. (1992) - "Testemunhos da ocupação neolítica da Serra de Monsanto", *Al Madan*, II série, 1: 15-18
- Delgado, J.F. Nery (1884) - "La grotte de Furninha a Peniche", *Cong. Internat. Anthropol. et Archeol. Préhist.*, C.R. 9^{ème} session, (Lisboa 1880): 207-278
- Gomes, M.V., Monteiro, J.P. & Serrão, E. da C. (1978) - "A estação pré-histórica da Caramujeira. Trabalhos de 1975/76". *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, I (Lisboa 1977): 34-72.
- Gonçalves, J.L. (1993) - "O povoado de Olelas (Sintra) e o Calcolítico inicial na Estremadura". Comunicação apresentada ao 1^º Simpósio "Transformação e Mudança" promovido pelo Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa. Cascais, Museu Condes de Castro Guimarães, Abril de 1993.
- Guilaine, J. & Ferreira, O. da V. (1970) - "Le Néolithique ancien au Portugal", *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 67: 304-322
- Harrison, R.J. (1977) - "The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal", *American School of Prehistoric Research, Bulletin* 35, Harvard University.
- Jalhay, E., Paço A. do & Ribeiro, L. (1944) - "Lisboa há 4000 anos. Estação pré-histórica de Montes Claros", *Revista Municipal*, 20-21 : 17-18
- Jorge, S. de O. (1990) "Dos últimos caçadores recolectores aos primeiros produtores de alimentos", *Nova História de Portugal*, Ed. Presença, pp. 75-101
- Leisner, G & Leisner, V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura
- Moita, I., (1967) - "O povoado neolítico de Vila Pouca (Serra do Monsanto)", *Revista Municipal*, XXVIII (112-113): 48-88
- Serrão, E.C. (1979) - "Sobre a periodização do Neolítico e do Calcolítico no território português." In: *Actas da Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*: , pp. 147-182
- Serrão, E.C. (1981) - "O complexo arqueológico do lapiás de Negrais (Sintra)-III", *Arqueologia*, 4: 105-115
- Serrão, E.C. & Vicent, E.P. (1958) "O castro eneolítico de Olelas - Primeiras escavações", *Comunicações dos serviços Geológicos de Portugal*, 39:87-124
- Soares, M. (1993) - "Datações absolutas para os IV e III Milénios A.C.: uma análise crítica." Comunicação apresentada ao 1^º Simpósio "Transformação e Mudança" promovido pelo Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa. Cascais, Museu Condes de Castro Guimarães, Abril de 1993
- Spindler, K. (1976) - "Die Neolithische Parede-Gruppe in Mittelportugal", *Madriider Mitteilungen*, 17: 21-75
- Tavares da Silva, C.T. & Soares, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*, Coleção Parques Naturais, 15, Lisboa, SNPRCC



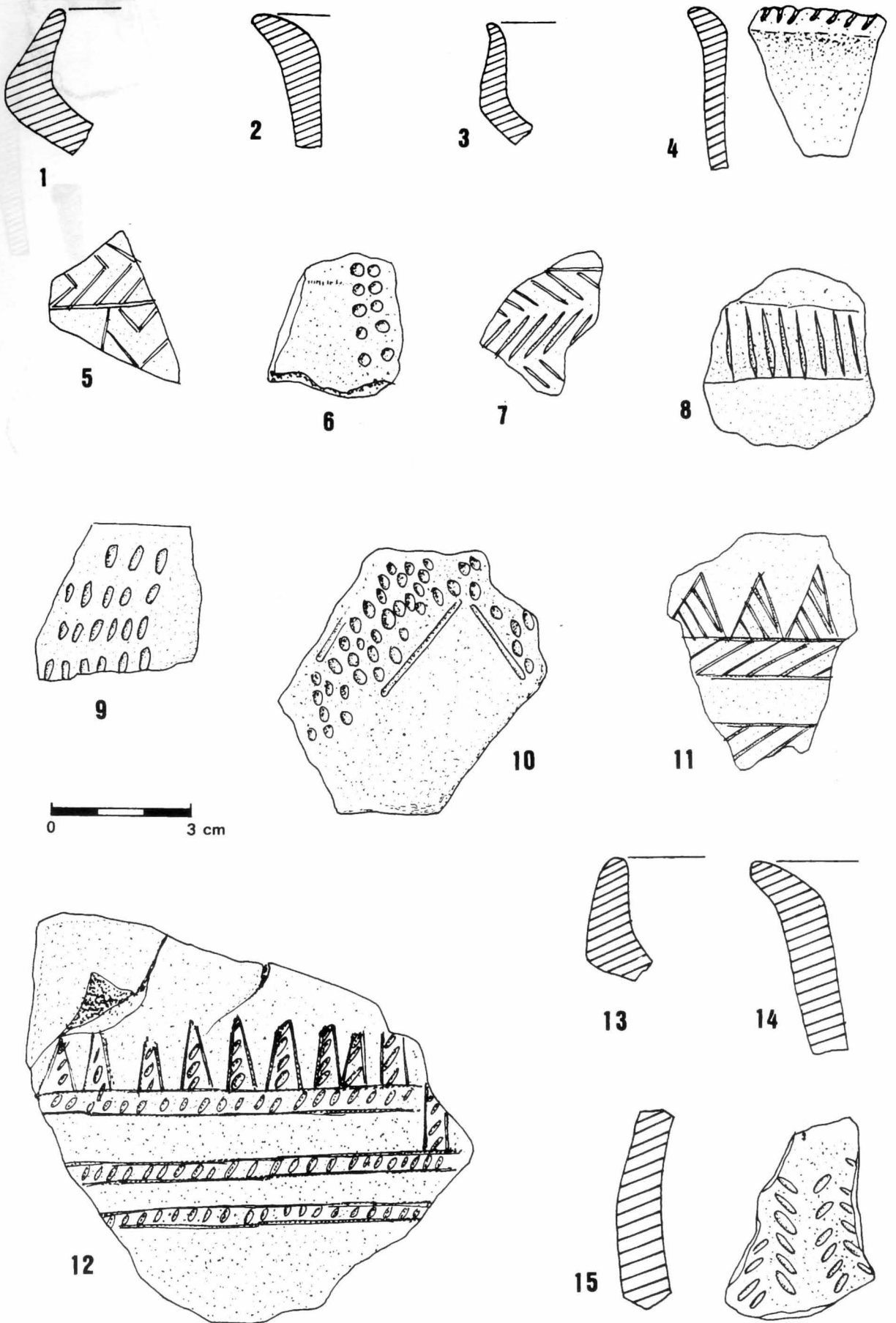
Estampa 1: Montes Claros (1 a 16), Gruta da Furninha (17 e 18).



Estampa 2 : Gruta da Furninha (1 a 11).



Estampa 3 : Negrais (1 a 6; seg. Serrão, 1981), Alto do Montijo (7) e Leceia (8 e 9).



Estampa 4: Vila Pouca (1 a 8; seg. Moita), Olelas (9 a 12; seg. Serrão e Vicente, 1958), Alto de S. Francisco (13 a 15; Tavares da Silva e Soares, 1986).